



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0174/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 30/06/2025

Reino da Arábia Saudita transmite condolências ao Sudão após mortes em colapso de mina

O Reino da Arábia Saudita transmitiu ontem as suas condolências e simpatia, depois que uma mina de ouro tradicional no Sudão desabou parcialmente e matou 11 mineiros. O colapso da mina de ouro na remota área desértica de Howeid, no nordeste do Sudão, também feriu outras sete pessoas, disse ontem a empresa de mineração do país. O Ministério das Relações Exteriores disse que o Reino está com o Sudão durante esta tragédia e deseja aos feridos uma rápida recuperação. **Fonte-Reuters.**

Ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita recebe homólogo do Djibuti



O Príncipe Faisal bin Farhan (à direita) conversa com Abdul Kader Hussein Omar, em Riade.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem em Riade o seu homólogo do Djibuti, Abdul Kader Hussein Omar. Durante a reunião, os dois lados discutiram as relações bilaterais e maneiras de aumentar a cooperação em vários campos, escreveu o Ministério das Relações Exteriores em um post no X. Os dois ministros também presidiram uma reunião do Comitê de Consultas Políticas entre os dois países, durante a qual discutiram a coordenação em questões regionais e internacionais importantes. Saud Al-Sati, vice-ministro de assuntos políticos, estava entre as autoridades presentes. **Fonte-Arab News.**

Ministro das Relações Exteriores saudita recebe mensagem escrita do homólogo russo



A mensagem foi recebida pelo vice-ministro das Relações Exteriores, Waleed Al-Khuraiji, durante uma reunião com o embaixador da Rússia no Reino, Sergey Kozlov.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu uma mensagem escrita de seu homólogo russo, Sergey Lavrov.

A mensagem, sobre as relações sauditas-russas e as formas de apoiá-las e fortalecê-las em vários campos, foi recebida pelo vice-ministro das Relações Exteriores, Waleed Al-Khuraiji, em Riade, durante uma reunião com o embaixador da Rússia no Reino, Sergey Kozlov. Durante a reunião, Al-Khuraiji e Kozlov abordaram as relações entre seus países e maneiras de aprimorá-las em vários campos. Tópicos de interesse comum também foram discutidos. **Fonte-Arab News.**

Embaixador iraniano: Reino da Arábia Saudita desempenhou papel fundamental na prevenção da escalada



O encontro entre o Príncipe Khalid bin Salman e o líder supremo Ali Khamenei em Teerão em abril passado.

Quase dois anos depois que o Irão e o Reino da Arábia Saudita restauraram as relações diplomáticas, o embaixador do Irão no Reino, Dr. Alireza Enayati, elogiou o papel de Riade na redução das tensões e na promoção do diálogo.

Enayati descreveu o progresso como "equivalente a conquistas que normalmente levam anos", ressaltando o que ele chamou de "raízes profundas e substância" do relacionamento.

Enayati, que serviu pela primeira vez no Reino da Arábia Saudita como cônsul do Irão em Jeddah em 1990 e depois como encarregado de negócios em Riade, retornou em 2023 como embaixador após o acordo de março mediado pela China para retomar os laços após sete anos de ruptura. Comentando sobre os recentes ataques israelenses contra o Irão, Enayati chamou os ataques de "agressão flagrante", observando que eles ocorreram enquanto Teerão estava envolvido em negociações indirectas com Washington. "O Irão foi atacado no meio da noite, enquanto as pessoas dormiam em suas casas. Era nosso direito legítimo sob a Carta da ONU responder de forma decisiva e demonstrar que, embora o Irão não busque a guerra, ele se defenderá com força e determinação", disse ele. Ele enfatizou que as reações regionais à escalada destacaram um espírito de solidariedade.

"O primeiro telefonema que nosso ministro das Relações Exteriores recebeu foi do ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, condenando os ataques, seguido por uma declaração do Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita", observou ele. "Essas posições foram coroadas por um telefonema de Sua Alteza Real, o Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, ao Presidente Pezeshkian, expressando condenação e solidariedade, seguido pelo telefonema do Presidente Pezeshkian de volta ao Príncipe herdeiro e declarações de apoio de vários estados do Golfo." **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita de olho em oportunidades inexploradas na Mauritânia e Marrocos



O comércio com o Marrocos totalizou SR5 bilhões, com 13% desse valor representando importações, sinalizando oportunidades de investimento inexploradas que a visita visa descobrir.

O Reino da Arábia Saudita está fortalecendo seus laços comerciais e de investimento com África, à medida que mais de 30 grandes investidores e autoridades visitam a Mauritânia e o Marrocos para explorar oportunidades em vários sectores.

A delegação, liderada pela Federação das Câmaras Sauditas, iniciou ontem uma visita oficial ao noroeste de África. A agenda inclui reuniões para destacar incentivos ao investimento, avaliar o clima de negócios e identificar oportunidades de parceria em sectores-chave da economia. A missão visa promover as perspectivas de investimento do Reino e fomentar a colaboração entre as empresas sauditas e suas contrapartes africanas, promovendo assim a cooperação comercial e econômica.

Esta iniciativa faz parte dos esforços mais amplos do FSC para melhorar os laços econômicos internacionais e se alinhar com a estratégia Visão Saudita 2030 da Arábia Saudita, que se concentra na diversificação da base econômica do Reino e na expansão

das parcerias globais. Também reflecte o crescente interesse de Riade em aprofundar o envolvimento comercial com as nações africanas.

"Ambos os lados esperam que esta visita abra novos horizontes para as relações comerciais e de investimento", observando que o comércio com a Mauritânia atingiu SR119 milhões (US \$ 32,13 milhões), com as exportações sauditas respondendo por 99%. O comércio com o Marrocos totalizou SR5 bilhões, com 13% desse valor representando importações, sinalizando oportunidades de investimento inexploradas que a visita visa descobrir.

Liderada pelo presidente do FSC, Hassan Moejeb Al-Huwaizi, a delegação manterá conversações com autoridades e líderes empresariais da Mauritânia em Nouakchott. A missão de dois dias visa fortalecer os laços económicos bilaterais e promover parcerias estratégicas em vários setores.

Um fórum empresarial conjunto saudita-mauritano será realizado para explorar oportunidades de cooperação, com a participação do Ministério da Indústria e Recursos Minerais, do Ministério do Investimento, da Autoridade Geral do Comércio Exterior e do Fundo Saudita para o Desenvolvimento. As exportações sauditas actualmente dominam a balança comercial com a Mauritânia, enquanto as importações permanecem limitadas em cerca de SR100.000. A Mauritânia é o 88º maior destino de exportação do Reino da Arábia Saudita e o 196º em termos de importações. As principais exportações sauditas para a Mauritânia incluem metais, produtos de borracha, laticínios e produtos de origem animal e maquinário. As importações do país da África Ocidental consistem principalmente em peixes e mariscos, chá e especiarias, têxteis e roupas não costuradas, bem como instrumentos médicos e ópticos.

O volume do comércio com o Marrocos é de SR5 bilhões, com as importações representando 13%. Em 2024, Riade e Rabat assinaram um acordo de cooperação entre suas câmaras de comércio com o objectivo de aprofundar os laços económicos. O pacto facilita a colaboração financeira, a troca de informações, eventos conjuntos, delegações comerciais e resolução de disputas, tudo projectado para promover parcerias comerciais mais fortes. Com esse alcance africano, o FSC continua seus esforços de expansão internacional, tendo concluído recentemente missões comerciais a 17 países como parte de sua estratégia orientada pela Visão Saudita 2030 para abrir novos mercados e impulsionar o comércio e o investimento. **Fonte-Arab News.**

Especialistas discutem inovações em farmácia clínica

A Conferência Internacional de Cuidados Ambulatoriais de Farmácia Clínica, organizada pelo Hail Health Cluster, reuniu mais de 700 profissionais de saúde e os principais especialistas internacionais em ciências farmacêuticas e de saúde. O evento de dois dias teve como objectivo mostrar soluções inovadoras para melhorar a qualidade da saúde e se alinhar com os avanços globais. Ele forneceu uma plataforma fundamental para compartilhamento de conhecimento e colaboração. As discussões abordaram o que há de mais recente em saúde virtual, estratégias para aprimorar a experiência do paciente ao longo da jornada de medicamentos e modelos futuros para expandir os serviços farmacêuticos. Os destaques da conferência incluíram apresentações de pôsteres de pesquisa com inovações e práticas baseadas em evidências em farmácia clínica. Uma exposição de acompanhamento apresentou tecnologias e soluções de ponta das

organizações participantes, reforçando o papel da farmácia na promoção da inovação na atenção primária. **Fonte-Arab News.**

Estudantes sauditas ganham seis medalhas em concurso de matemática



A equipe saudita conquistou duas medalhas de ouro, duas de prata e duas de bronze, mostrando seu forte desempenho internacionalmente.

Seis estudantes sauditas ganharam seis medalhas na 29ª Olimpíada Júnior de Matemática dos Balcãs na Macedônia do Norte, de 24 a 29 de junho, com a participação de 135 estudantes de 23 países. A equipe saudita conquistou duas medalhas de ouro, duas de prata e duas de bronze, mostrando seu forte desempenho internacionalmente.

Esse sucesso segue anos de treinamento liderado pela Fundação Rei Abdulaziz e Seus Companheiros para Superdotação e Criatividade, em parceria com o Ministério da Educação, com o objectivo de preparar alunos superdotados para concursos globais. Os membros da equipe foram escolhidos por meio de testes rigorosos no âmbito do Programa Nacional de Identificação de Superdotados e treinados por especialistas locais e internacionais. Esta foi a 14ª participação do Reino da Arábia Saudita na Olimpíada, elevando seu total de medalhas para 11 de ouro, 24 de prata e 29 de bronze. No evento anterior, o Reino da Arábia Saudita conquistou uma medalha de prata e quatro de bronze. A Olimpíada, lançada em 1997, é realizada anualmente para estudantes menores de 15 anos, com até seis participantes por país. Ele gira entre os países dos Balcãs e Chipre e é uma competição regional de matemática respeitada. **Fonte-Arab News.**

Onda de calor deixa cidades marroquinas sufocadas em temperaturas recordes

Recordes mensais de temperatura foram quebrados em todo o Marrocos, às vezes superando as normas sazonais em até 20 graus Celsius, disse ontem o escritório meteorológico nacional, enquanto o Reino do norte de África era atingido por uma onda de calor. "Nosso país viveu, entre sexta-feira 27 e sábado 28 de junho, uma onda de calor do tipo 'chegui' caracterizada por sua intensidade e alcance geográfico", disse o escritório meteorológico (DGM) em um relatório compartilhado com a AFP. A onda de calor, que também atingiu o Estreito de Gibraltar, no sul da Europa, afectou várias regiões de Marrocos.

De acordo com o DGM, as anomalias de temperatura mais significativas ocorreram nas planícies atlânticas e nos planaltos interiores. Na cidade costeira de Casablanca, o mercúrio atingiu 39,5 ° C, quebrando o recorde anterior de 38,6 ° C estabelecido em

junho de 2011. Em Larache, a 250 quilômetros da costa, foi registrada uma temperatura máxima de 43,8 ° C, 0,9 ° C acima da alta anterior de junho, estabelecida em 2017. E em Ben Guerir, no centro do Marrocos, os termômetros atingiram 46,4 ° C, superando o recorde de dois anos em 1,1 ° C. A previsão para os próximos dias indica calor contínuo no interior do Marrocos devido à chamada depressão térmica do Sahara, uma intensa cúpula de calor sobre o deserto. **Fonte-Arab News.**

Ministro das Relações Exteriores do Egito pede reconhecimento da Palestina em conversas com o enviado da UE ao Médio Oriente



Bandeiras da Palestina tremulam em Trafalgar Square, centro de Londres, Reino Unido.

O ministro das Relações Exteriores do Egito, Badr Abdelatty, enfatizou ontem a necessidade urgente de reconhecer o Estado palestino nos territórios da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, com Jerusalém Oriental como capital. Ele fez seu comentário durante uma reunião no Cairo com Christophe Bigot, representante especial da UE para o processo de paz no Médio Oriente. Abdelatty disse que o estabelecimento de um Estado palestino é a única maneira de alcançar paz, segurança e estabilidade duradouras na região.

Ele esperava um reconhecimento internacional mais amplo do Estado palestino e a organização de uma conferência internacional destinada a resolver a questão palestina por meios pacíficos. Os comentários de Abdelatty seguiram os do ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot, que ontem disse durante uma entrevista ao canal de notícias francês LCI que a França está "determinada a reconhecer o Estado da Palestina", enfatizando a necessidade urgente de acção internacional à luz do agravamento da situação humanitária em Gaza.

Uma conferência franco-saudita para angariar apoio internacional para o reconhecimento do Estado da Palestina deveria começar em meados de junho, mas os organizadores a adiaram por causa do conflito iraniano-israelense e das tensões elevadas na região. "Estamos comprometidos em reconhecer o Estado da Palestina, e isso acontecerá como parte de uma iniciativa conjunta que incentiva todas as partes a criar as condições necessárias para o estabelecimento desse Estado", disse Barrot. Ele chamou o assassinato de centenas de palestinos em busca de ajuda pelas forças israelenses nas últimas semanas em Gaza de "uma vergonha e uma afronta à dignidade humana". **Fonte-Reuters.**

Chefe do exército jordaniano e homólogo dos EUA discutem cooperação militar



O major-general Yousef Huneiti, presidente do Estado-Maior Conjunto da Jordânia, durante sua reunião com o homólogo dos EUA, general Dan Caine, em Amã.

O major-general Yousef Huneiti, chefe do Estado-Maior Conjunto da Jordânia, reuniu-se com seu homólogo dos EUA, general Dan Caine, para discutir a cooperação militar e a coordenação entre as forças armadas de ambos os países durante uma reunião em Amã. As discussões abordaram vários aspectos operacionais, de treinamento e logísticos destinados a atender aos interesses estratégicos de ambos os exércitos.

Huneiti destacou a parceria forte e de longa data da Jordânia com os EUA, elogiando o apoio consistente de Washington que permite que as forças armadas jordanianas desempenhem suas funções de forma eficaz em meio a vários desafios. Caine expressou seu apreço pelo papel vital das forças armadas jordanianas na promoção da segurança e estabilidade em toda a região. Ele disse que os EUA estão comprometidos em manter uma parceria estreita com Amã. Oficiais seniores das forças armadas jordanianas e o adido de defesa dos EUA em Amã participaram na reunião. **Fonte-Agência de Notícias Petra.**

Netanyahu vê 'oportunidades' para libertar reféns em Gaza

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, disse ontem que a "vitória" de seu país sobre o Irão em sua guerra de 12 dias criou "oportunidades", inclusive para libertar reféns mantidos em Gaza. "Muitas oportunidades se abriram agora após esta vitória. Em primeiro lugar, resgatar os reféns", disse Netanyahu em um discurso a oficiais dos serviços de segurança. "É claro que também teremos que resolver a questão de Gaza, derrotar o Hamas, mas estimo que alcançaremos os dois objectivos", acrescentou, referindo-se à campanha de seu país para esmagar o grupo militante palestino. Em um comunicado na noite de ontem, o principal grupo que representa as famílias dos reféns saudou "o facto de que, após 20 meses, o retorno dos reféns foi finalmente designado como a principal prioridade pelo primeiro-ministro".

"Esta é uma declaração muito importante que deve se traduzir em um único acordo abrangente para trazer de volta todos os 50 reféns e acabar com os combates em Gaza", disse o Fórum de Reféns e Famílias Desaparecidas. Militantes palestinos capturaram 251 reféns durante o ataque do Hamas a Israel em 7 de outubro de 2023. Destes, acredita-se que 49 ainda estejam detidos em Gaza, incluindo 27 que os militares israelenses dizem estar mortos. O Hamas também detém o corpo de um soldado israelense morto lá em 2014. O fórum pediu a "libertação, não o resgate" dos reféns.

"A única maneira de libertá-los é por meio de um acordo abrangente e do fim dos combates, sem operações de resgate que coloquem em risco tanto os reféns quanto os soldados (israelenses)." **Fonte-Reuters.**

Parlamento do Irão aprova suspensão da cooperação com AIEA após ataques a centrais nucleares

O Parlamento iraniano aprovou na passada quarta-feira, (25 de junho) a suspensão da cooperação com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), um dia após a entrada em vigor do cessar-fogo proposto pelo presidente americano Donald Trump. O Irão foi alvo de uma série de ataques israelenses e americanos contra suas centrais nucleares nos últimos doze dias.

"A AIEA, que se recusou a condenar, nem que fosse minimamente, o ataque às instalações nucleares iranianas, comprometeu sua credibilidade internacional", declarou o presidente do Parlamento iraniano, Mohammad Bagher Ghalibaf, após a votação dos deputados a favor da suspensão da cooperação com a agência. "A Organização Iraniana de Energia Atômica suspenderá sua cooperação com a AIEA enquanto a segurança das instalações nucleares não for garantida", acrescentou Ghalibaf, citado pela televisão estatal iraniana. **Fonte-Terra.**

Cortes em agências dos EUA podem prejudicar enfrentamento de ameaças do Irão



Bandeira dos Estados Unidos

Os ataques militares dos Estados Unidos contra o Irão levaram a uma resposta rápida de todo o governo federal para reagir a qualquer consequência. Porém, autoridades afirmam que os cortes do governo, impulsionados pelo DOGE (Departamento de Eficiência Governamental), em diversas agências dificultaram o enfrentamento do conflito e a preparação para possíveis retaliações.

Nas agências federais que lidam com segurança cibernética, centenas de funcionários que estão deixando os cargos aumentaram as preocupações sobre as vulnerabilidades dos EUA a ataques cibernéticos vindos do Irão ou de seus aliados. A escassez de funcionários na FAE (Agência Federal de Gestão de Emergências) aumentou os temores sobre a preparação da agência para possíveis ameaças.

No FBI, a agência federal de investigações dos EUA, alguns agentes que foram transferidos para auxiliar em tarefas relacionadas à imigração estão retornando para se

concentrar na missão de contraterrorismo da agência. No Departamento de Estado, funcionários de carreira com décadas de experiência na região deixaram seus cargos ou foram forçados a deixar suas funções.

E jornalistas da emissora estatal Voz da América afirmam que os esforços do governo para dismantelar a agência impactaram a transmissão da narrativa americana — esgotando o poder de influência do governo — aos iranianos após os ataques a três instalações nucleares do país. **Fonte-CNN Brasil.**

Com origem nos EUA. A história do programa nuclear iraniano



Nas últimas semanas, Israel e Estados Unidos tiveram como alvo mais significativo em território iraniano as instalações nucleares. Mas como surgiu o programa nuclear iraniano e qual a sua história ao longo das últimas décadas?

O programa nuclear iraniano teve a sua origem ainda nos anos 50, sob a liderança do Xá Mohammed Reza Pahlavi. Teve para isso apoio dos Estados Unidos, no âmbito do programa "Átomos para a Paz", do presidente Eisenhower.

Em 1967, o Irão recebeu seu primeiro reator nuclear de pesquisa dos EUA para utilizar com fins medicinais.

Em 1974, o Xá chegou a anunciar planos ambiciosos de construir até 23 centrais nucleares com ajuda da Alemanha, França e Estados Unidos.

Mas a 1979 o regime ocidental do Xá caiu e deu-se a revolução Islâmica, liderada pelo Aiatola Khomeini. O primeiro líder supremo do Irão optou inicialmente por suspender o programa nuclear, considerando o ocidentalizado e desnecessário. No final da guerra entre Irão e Iraque, Teerão firmou acordos com a Rússia para retomar a construção da central nuclear de Bushehr e começou a desenvolver instalações secretas.

Em 2002, há uma relevante denúncia de um grupo de oposição iraniano, a Organização dos Mujahidin do Povo Iraniano (também conhecida como MEK) que revela a existência de instalações nucleares secretas em Natanz e Arak, levantando suspeitas de que o Irão queria uma arma nuclear e que o programa não seria, afinal, de índole civil como o regime sempre defendeu.

Entre 2003 e 2005 a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) iniciou investigações. O Irão aceitou suspender parte de seu programa, mas as negociações

fracassaram e o Irão retomou o enriquecimento de urânio, o que levou à imposição de sanções por parte do Conselho de Segurança da ONU.

Em 2013, após a eleição do presidente Hassan Rouhani, um moderado, foram retomadas as negociações com o Ocidente. Em 2015, foi alcançado um acordo com Teerão (JCPOA), sob a égide da Administração Obama, mas também com China, Rússia, França, Alemanha, Reino Unido e a representação da União Europeia. Este entendimento previa a limitação do programa nuclear iraniano em troca do alívio de sanções internacionais. Viria a ser rasgado em 2018 pelo então presidente norte-americano, Donald Trump, que reestabeleceu sanções. Depois disso, o Irão começou a violar gradualmente os termos do acordo, enriquecendo urânio além dos limites que tinha aceiteado anteriormente, razão que foi apontada por Israel e Estados Unidos para os ataques das últimas semanas. **Fonte-RTP Notícias.**

Perspectivas mistas para a ONU em seu 80º aniversário



ANDRÉ HAMMOND

29 de Junho de 2025



O prédio da sede das Nações Unidas é retratado através de uma janela com o logotipo da ONU.

A ONU comemorou seu 80º aniversário na passada quinta-feira. Mas o secretário-geral António Guterres aproveitou a ocasião para alertar que sua carta de fundação está sob ataque como nunca antes.

A organização foi criada a partir do trauma da Segunda Guerra Mundial, com a Carta da ONU assinada por 50 estados iniciais em 26 de junho de 1945. Entrou em vigor no final daquele ano com o objectivo de tentar evitar futuras guerras, ao mesmo tempo em que defende a dignidade humana e a igualdade de direitos.

Guterres alertou na passada quinta-feira que "vemos um padrão muito familiar: siga quando a carta se adequa, ignore quando não convém. A Carta das Nações Unidas não é opcional. Não é um menu à la carte. É a base das relações internacionais."

É claro que os países se acusam regularmente de violar a carta. Nos últimos anos, Rússia e Israel foram citados pela Assembleia Geral por violá-la na Ucrânia e em Gaza, respectivamente. No início deste mês, o Irão acusou os EUA de violar a carta com seus ataques a três de suas instalações nucleares.

No entanto, por mais desafios que o órgão mundial enfrente agora, seu 80º aniversário sublinha que continua a ter resiliência e legitimidade. Isso ocorre apesar das crescentes preocupações sobre sua relevância em um mundo cada vez mais contencioso e fragmentado.

Ainda há um reconhecimento generalizado de que os desafios globais podem ser melhor enfrentados por meio de ações internacionais coordenadas, muitas vezes lideradas pela ONU. E apesar da profunda decadência da ordem pós-1945, as instituições internacionais remanescentes do pós-guerra - com a ONU em seu coração - continuam a ter grande relevância quase um século após seu nascimento. Embora esses órgãos sejam imperfeitos e precisem de reformas significativas, eles geralmente permitiram a prosperidade e a segurança internacionais, especialmente com os dois países mais poderosos do mundo hoje, China e EUA, ambos sendo membros permanentes do Conselho de Segurança.

A relevância contínua da ONU sublinha a sabedoria da massa crítica de nações que decidiram, naquela época, tentar mudar o curso da história, comprometendo-se a trabalhar juntas pela paz. Nas décadas que se seguiram à assinatura da carta, o organismo mundial tem trabalhado inabalavelmente pela paz, pelo diálogo e pela cooperação para promover os direitos humanos, o Estado de Direito e o desenvolvimento sustentável, bem como combater as mudanças climáticas.

Dado o sucesso geral da ONU após três quartos de século, uma das muitas ironias da era política actual é a mudança radical na visão do governo dos EUA. A ONU e outras instituições multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, foram peças-chave do acordo do pós-guerra defendido pelos presidentes americanos na década de 1940 e que foram posteriormente cultivados em uma base bipartidária por sucessores de todos os matizes para reforçar a liderança global dos EUA durante a Guerra Fria e além.

No entanto, o governo de hoje é amplamente visto como acelerando o colapso dessa mesma ordem do pós-guerra. Isso surpreende muitos em todo o mundo, dado que o sistema pós-1945 geralmente tem sido tão benéfico para Washington em termos de soft e hard power.

O presidente Donald Trump, ao contrário de todos os seus antecessores do pós-guerra na Casa Branca, renegou muitas das instituições e alianças lideradas pelos EUA, prometendo, em vez disso, uma plataforma "América Primeiro". Em seu primeiro dia de volta ao poder em janeiro, por exemplo, ele assinou uma ordem executiva retirando os EUA da Organização Mundial da Saúde.

A ONU também está preocupada com o resultado esperado de uma revisão dos EUA de sua participação na ONU e em outras instituições multilaterais, que foi ordenada por Trump e é esperada para agosto. Mais de 60 escritórios, agências e operações da ONU que recebem dinheiro do orçamento operacional regular da organização já estão

enfrentando cortes de empregos de cerca de 20% - parte das reformas feitas por Guterres devido aos cortes de financiamento já anunciados pela Casa Branca e desenvolvimentos mais amplos.

Mas o desmantelamento é uma coisa - construir algo novo é outra. Até agora, o governo ainda não forjou nenhuma nova doutrina abrangente centrada em sua visão central. De facto, muitas vezes houve incoerência política, reflectindo o estilo transaccional de governo do presidente.

No entanto, não é apenas o vácuo causado pela falta de liderança dos EUA na ONU que está contribuindo para a incerteza em torno dela e para a erosão mais ampla do acordo pós-Segunda Guerra Mundial no cenário volátil, incerto, complexo e ambíguo de 2025. Pois há também uma crescente angústia geopolítica, como mostram as actuais tensões no Médio Oriente e na Ucrânia, para não mencionar outros conflitos, como os do Sudão, leste do Congo, Haiti e Mianmar.

O que torna isso tão preocupante para a ONU e outros proponentes da paz e segurança internacionais é que ele se soma a camadas de turbulência anteriores no cenário internacional. Os múltiplos desafios que a ordem internacional enfrenta agora incluem o facto de que as relações de Washington com a China estão em um de seus pontos mais baixos em décadas.

Um factor fundamental para saber se a ONU prosperará, e não apenas sobreviverá, nos próximos anos é a direcção dos laços entre os EUA e a China, os dois membros mais poderosos do Conselho de Segurança da ONU. Com os EUA saindo da OMS e cortando seu financiamento para outras agências da ONU, a influência da China aumentará.

No momento, a relação EUA-China parece destinada a uma crescente rivalidade bilateral e ao que alguns veem como uma nova guerra fria que pode ver a cooperação internacional corroer, inclusive sobre tecnologia e questões comerciais mais amplas. As tensões militares também estão aumentando, do Mar da China Meridional para fora.

No entanto, ainda pode haver um potencial inesperado de parceria na ONU e além. A cooperação bilateral, possivelmente na era após a presidência de Trump, é mais provável se parcerias mais fortes puderem ser incorporadas em questões como a mudança climática, como durante os anos de Barack Obama e Joe Biden, o que pode permitir maneiras mais eficazes de resolver disputas de poder duro.

Andrew Hammond é associado da LSE IDEAS na London School of Economics.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.